

Resenha**A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**  
(SODRÉ, Muniz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 287p.)Poliana QUEIROZ<sup>1</sup>

A mais recente obra do professor Muniz Sodré, *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*, busca numa perspectiva original em matéria de estudos da mídia, refletir sobre a fundamentação teórica da narrativa jornalística da atualidade. Em termos metodológicos, o autor se propõe a estabelecer um raio-X da notícia, apontando as dificuldades de conceituação e buscando resolvê-las com a hipótese da temporalização do cotidiano através da marcação e ritmização do acontecimento. Em seguida expõe as diferenças entre o factual e o ficcional e, por fim, mostra uma das principais derivações romanescas do *fait-divers*.

O livro, resultado da pesquisa realizada pelo docente titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com apoio do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas (CNPq), está dividido em três consistentes capítulos. Nele, além da literatura acadêmica, foi utilizado, sobretudo, material coletado na imprensa cotidiana.

O primeiro capítulo, intitulado *O discurso do acontecimento*, é dedicado ao debate a respeito da inexistência de um conceito para o gênero jornalístico conhecido como notícia. Para confirmar seu pensamento, o autor recorre à afirmação de Mário Erbolato: “ninguém conseguiu defini-la satisfatoriamente. Os teóricos dizem como ela deve ser, mas não como realmente é” (p.20).

Por ser um conceito “consensualmente difícil”, Sodré destaca que é natural a comunidade jornalística ter dificuldade de definir o que seria notícia. Como válvula de escape para este problema, a célebre frase do jornalista norte-americano Amus Cummings: “Se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia” (p. 20) instalou-se na tradição jornalística como um modelo apropriado à prática profissional.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).

Contudo, esta assertiva, sem caráter científico, baseada no paradigma do cachorro, é considerada insuficiente teoricamente para determinar uma notícia. A imprecisão conceitual do senso comum instiga o pesquisador a buscar uma definição precisa, longe da justificativa pragmática de faro, instinto e arbítrio profissional.

Na tentativa de trazer alguma luz para o assunto, o autor procura traçar uma delimitação clara, que permita aos estudos posteriores utilizar categorias conceituais bem fundamentadas na compreensão dos aspectos envolvidos na narrativa jornalística como: fato, acontecimento e notícia.

É a partir da filosofia Kantiana que Sodré fundamenta seu entendimento sobre o termo *fato*: “Os objetos para conceitos cuja realidade objetiva pode ser provada (seja mediante pura razão, seja por experiência, e, no primeiro caso, a partir dos dados teóricos ou práticos da razão, mas em todos os casos por meio de uma intuição que lhes corresponda) são fatos”. Acrescenta ainda que “O mundo dos fatos – a que podemos também chamar de ‘estado de coisas’ – é o mundo da experiência empírica, isto é, de relações contingentes, do fenômeno que pode acontecer ou não, fora de qualquer ordem necessária” (p. 28).

Para explicar o que seria *acontecimento*, é resgatada a definição didática de Mouillaud: “A hipótese que sustentamos é a de que o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito de fato” (p.33). Essa sombra corresponde a critérios como os valores-notícia.

O acontecimento, nas palavras do professor, é considerado um desdobramento do fato, que aborda um conjunto de normas e convenções discursivas, como um enredo e o enquadramento. É ele garante noticiabilidade para alguns fatos sociais na pauta jornalística. Sua construção não se realiza apenas no campo jornalístico, o público, nas sociedades midiáticas contemporâneas, também consegue exercer o papel de produtor da informação. A internet possibilita deslocar para o receptor o poder de pautar os acontecimentos, que poderão ser transformados em notícia.

No caminho metodológico traçado para a formulação de uma teoria do acontecimento, o autor levanta algumas discussões importantes para a atividade jornalística como: atualidade, verdade, credibilidade, história, situando o jornalismo entre o conhecimento comum e o conhecimento sistemático (ciência).

Dando sequência ao capítulo, o escritor desenvolve o conceito de *notícia* - utilizado quase sempre como sinônimo da prática profissional jornalística. “Parte-se do ‘fato bruto’ [...] para transformá-lo em ‘acontecimento’ por meio da interpretação em que implica a notícia, esse microrrelato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidade de acesso argumentativo ao ‘fato social’” (p. 71). Classifica as notícias de acordo com tempos e modos de ocorrência como: previstas (anunciadas com antecedência), imprevistas (de caráter inesperado) e mistas (reúnem o previsto e o imprevisto).

Para Sodré, a semelhança entre os acontecimentos que se constituem notícia é a marcação do fato (determina o que a marcação jornalística identifica como valor-notícia) e a pontuação rítmica (relacionada ao fator tempo no qual o acontecimento midiático atua na singularização dos fatos sociais em sua atualização jornalística). Distingue dois níveis rítmicos a partir das práticas de produção das notícias: “num primeiro nível, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos, que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas” (p. 90).

Desta maneira, conclui que a notícia comunica “algo a ser *notado* ou *sinalizado* como marca factual de um instante particular”. Logo, “nesta comunicação, o tempo é uma instância pressuposta, o verdadeiro vetor da enunciação, que organiza a semiose manifesta” (p. 91).

No segundo capítulo do livro, *A experiência narrativa*, Muniz Sodré disserta sobre as relações de semelhança e diferença entre a narrativa literária e a narrativa jornalística e afirma ser consensual a existência de uma fronteira entre elas. Para fazer esta relação busca elementos históricos e da análise do discurso. Apresenta a notícia como parte de um discurso, “um gênero sociodiscursivo” (p. 138), que por produzir sentido é ideológico, heterogêneo e se aplica a duas formas de escrita. A divergência encontrada é que a narrativa literária não necessariamente tem valor de realidade, como ocorre com a jornalística.

Ao se discutir narrativa, Sodré acredita que convém sempre repassar os conceitos de *enunciado* “resultado da ação, o produto fechado ou acabado da prática social de linguagem ou discurso” e *enunciação* “ato comunicativo que gerou o

enunciado, portanto, às circunstâncias de tempo, lugar e sujeito, necessárias à produção da fala” (p. 175). Cita Lyotard para definir a forma narrativa, este admite existir uma “pluralidade de jogos de linguagem, que encontraram facilmente lugar no relato dos enunciados” (p. 178).

Em termos claros, o autor define a narração como ato de contar uma história, fato que, segundo ele, concorda com os aspectos da narratologia (disciplina voltada à teorização dos textos narrativos). E, descreve que “O esquema básico de uma sequência narrativa é algo como: situação inicial – complicação – reação – resolução – situação final – avaliação ou moral da história” (p. 204). No jornalismo, essa maneira de organização textual ora é conservada (quando a notícia segue a ordem temporal dos acontecimentos), ora desconsiderada (pelo uso da forma conhecida como pirâmide invertida – sequência que privilegia o acontecimento mais importante numa escala decrescente). De forma esclarecedora, diferentes estilos de narrar uma notícia são apresentados a partir de exemplos extraídos de jornais.

Finalizando o segundo capítulo, são apresentados casos de fraude no jornalismo, características do sensacionalismo e explicação sobre *fait-divers* (para os franceses) e *features* (para os norte-americanos), esses últimos associado ao jornalismo como prática social da narrativa.

O terceiro e último capítulo, *O fato em vermelho-sangue*, aborda a crítica acadêmica sobre a literatura policial, que a classifica como subliteratura. Apesar dessa distinção da academia, podemos observar a importância do tema para Muniz Sodré que, de uma forma sensível, busca escrever sobre a relação entre a literatura policial e a narração jornalística, encontrando nos *fait-divers* o ponto de apoio necessário à análise.

No decorrer do capítulo, o escritor nos leva a caminhar por um percurso histórico para mostrar como a ficção policial nasceu do texto do jornal impresso, com a mesma estrutura do texto folhetinesco, produzido por intelectuais como Balzac, Dickens, Dostoiévski e, aqui no Brasil, Machado de Assis.

Nos dias atuais, os folhetinistas da narrativa policial ainda são oriundos do meio jornalístico, porém, os folhetins, de acordo com Sodré, estão mais próximos do gênero simbólico que do informativo, considerando sensato caracterizar esse tipo de texto como outra literatura, ao invés de subliteratura.

A literatura folhetinesca é defendida pelo autor, entre outros motivos, por esta ter a capacidade de prender a atenção dos leitores, influenciando-lhes o gosto pela leitura, e divertir com a produção voltada à escala industrial. Nesse sentido, são as condições industriais que indicam a associação entre o jornalismo e a narrativa policial ou detetivesca, devido o interesse pelo fato criminoso.

Ao passo que a literatura tida como séria tem o intuito de ser verdadeira, com duração no tempo, a literatura folhetinesca, segundo Sodré, pretende ser verossímil, aproximando a superfície do cotidiano de forma a entreter, de maneira simples, os leitores. Aponta ainda que a evolução estilística do romance policial não abre mão das estáveis da estrutura folhetinesca com o uso do herói, do mito, da retórica e da informação jornalística. “Na novela policial, a informação é um dado exterior, separável, destinado a produzir “efeitos de real” e reforçar a verossimilhança da fabulação” (p. 265).

O livro termina com a defesa da alteridade do romance policial em meio ao cânone hegemônico da crítica literária. O escritor conclama o jornalismo cultural a desempenhar papel importante na valorização desse gênero literário que nasceu atrelado à notícia, tentando desfazer assim o preconceito da academia sobre o romance policial.

O livro, *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento* traz de forma original e relevante uma teorização densa sobre a formulação de uma teoria do acontecimento, como caminho para o entendimento do jornalismo enquanto processo de construção de sentidos, longe da lógica proposta pelos manuais deontológicos sobre o fazer jornalístico.

O percurso metodológico utilizado pelo autor para conduzir toda obra aproxima o leitor da pesquisa. A cada capítulo, a leitura se torna mais leve. Isso porque no texto não são usadas somente referências acadêmicas. Sodré exemplifica determinadas tipificações do texto jornalístico por meio de recortes de material informativo retirados de jornais, aproximando as discussões teóricas do cotidiano.

A obra é, sem dúvida, uma contribuição relevante para os estudos do jornalismo, servindo de referência significativa tanto para pesquisadores como jornalistas inseridos no campo de produção das notícias.